

# ECONOMISTAS

## Planejamento, desenvolvimento e sustentabilidade

**Reindustrialização  
e crise climática**

*Por André Roncaglia*

**Retomada do  
desenvolvimento**

*Por José Luis Oreiro*

**Impactos do conflito  
Israel-Hamas  
na economia**

*José Francisco  
Lima Gonçalves*

**Marcio Pochmann:  
"O IBGE precisa ser  
fortalecido"**

*Entrevista*

**Novo Pac e BNDES**

*Por André Paiva Ramos  
e Nelson Barbosa*



## Sumário

<b>Editorial</b> Paulo Dantas da Costa	<b>5</b>	<b>Impactos do conflito Israel-Hamas na economia mundial e brasileira</b> José Francisco Lima Gonçalves	<b>50</b>
<b>Marcio Pochmann: “O IBGE precisa ser fortalecido”</b> Coordenação de Comunicação	<b>6</b>	<b>Aspectos atuais e tendências no contexto financeiro brasileiro</b> Gílson de Lima Garófalo	<b>54</b>
<b>Planejamento, reindustrialização e a crise climática</b> André Roncaglia	<b>12</b>	<b>Marco Legal das Garantias – leituras casadas</b> Carla Beni Menezes de Aguiar e Jean Menezes de Aguiar	<b>58</b>
<b>Reindustrialização como alavanca para a retomada do desenvolvimento econômico no Brasil</b> José Luis Oreiro	<b>18</b>	<b>Economia, Formação, Mercado de Trabalho, Gênero &amp; Diversidade</b> Coordenação de Comunicação	<b>64</b>
<b>Uma agenda para o desenvolvimento do Brasil: Novo PAC e BNDES</b> André Paiva Ramos e Nelson Barbosa	<b>26</b>	<b>Regionalidades: Panorama e desafios do mercado de trabalho na Bahia</b> Isabel Ribeiro	<b>70</b>
<b>O que o XXV Congresso Brasileiro de Economia teve de melhor</b> Manoel Castanho	<b>30</b>	<b>Novos livros</b>	<b>80</b>
<b>A mudança da trajetória fiscal dos estados brasileiros</b> Carin Deda, Célia M. S. Carvalho, João C. S. Marques e Simone Mello de Paula	<b>40</b>		

# Aspectos atuais e tendências no contexto financeiro brasileiro

Por **Gílson de Lima Garófalo**

A temática “educação financeira” está na ordem do dia, preconizando que o assunto se faça presente desde a mais tenra idade até estágios avançados da vida dos brasileiros cuja população hoje se caracteriza pela longevidade. Este pressuposto orientou a elaboração desta contribuição na expectativa de que possa contribuir, mesmo que didaticamente, com novas luzes nesse contexto.

É notória a posição do Brasil, sempre à frente em relação às tecnologias financeiras, se constituindo, inclusive, como referência mundial. As instituições reconhecem a necessidade de explorar de forma crescente e inteligente as oportunidades que surgem com os avanços na área.

A digitalização, resultante dos investimentos neste contexto, transformou a jornada dos clientes, promovendo, ampliando e flexibilizando, com segurança, as possibilidades de realização de transações e consultas, contratação de produtos/serviços e interação. Os canais digitais são responsáveis pelo crescimento recorde de transações e atualmente, no país, oito em cada 10 movimentações bancárias ocorrem dessa forma. As mudanças/tendências em curso, ou próximas a acontecer, são adiante listadas, incluindo outras à margem do sistema.

1. PIX - um modo eletrônico e instantâneo de transferência e de pagamento de valores em Reais, lançado pelo Banco Central em 2020. O número de usuários cadastrados já supera 90 milhões, sendo quase metade - 48% - usuários habituais, isto é, fazem mais de 30 operações no

mês. Muitas pessoas que antes não utilizavam o Documento de Ordem de Crédito (DOC), ora em extinção, ou a Transferência Eletrônica Disponível (TED), acabaram por aderir ao sistema. Aliás, ele promoveu a inclusão financeira de cerca de 72 milhões de brasileiros, apesar de, não haver eliminado a desigualdade, uma vez que entre aqueles com renda de até um salário mínimo, mais de 60% já enviou ou recebeu um PIX, enquanto nas faixas de maior poder aquisitivo, o percentual supera 80%.

2. Open Finance - expansão do Open Banking (sistema no qual os dados do cliente são compartilhados num aplicativo dos bancos), o Open Finance amplia o número de instituições com acesso aos informes da clientela. Hoje já somam milhões os consentimentos na área, a maioria de pessoas físicas. Os clientes passaram a contar com maior controle do compartilhamento de informações pessoais com diversas instituições. A proposta é que a troca desses informes permita a oferta de produtos mais personalizados para cada necessidade. Neste particular, o usuário poderá levar seu histórico financeiro não só para bancos, mas também para corretoras de seguros e instituições congêneres.

3. Drex - novo formato para representar o Real, com a diferença de ser 100% digital. Em fase de testes, tem o lançamento previsto para o início de 2025. Será a primeira moeda virtual oficial, extensão das tradicionais cédulas físicas de dinheiro, porém, com os mesmos fundamentos,



“

O PIX promoveu a inclusão financeira de cerca de 72 milhões de brasileiros apesar de, não haver eliminado a desigualdade, uma vez que entre aqueles com renda de até um salário-mínimo, mais de 60% já enviou ou recebeu um PIX, enquanto nas faixas de maior poder aquisitivo, o percentual supera 80%.”



### Gílson de Lima Garófalo

Professor universitário (PUC-SP e FEA-USP), vice-presidente do Sindecon-SP e conselheiro suplente do Cofecon.

mas transacionada exclusivamente no ambiente digital. Certamente provocará redução do uso de papel-moeda no país. Interessante ressaltar que a combinação de letras forma uma palavra com sonoridade forte e moderna, a saber: “d” e “r” fazem alusão ao Real Digital, “e” vem de eletrônico, enquanto o “x” traz consigo a ideia de modernidade e de conexão. O Drex funcionará como uma espécie de Pix dos serviços financeiros.

4.

Tokenização - é representação digital de ativos físicos: imóveis, ações ou títulos. Constitui algo criptografado, com tecnologia blockchain, ou seja, como considerado por alguns especialistas, a inovação tecnológica mais importante desde a criação da internet. Ela garante a segurança do que é negociado pelo setor financeiro. Certamente permitirá novas formas de avaliar e garantir o lastro de ativos, podendo incrementar a gama de investimentos, diminuir as distâncias de negociações e ser mais acessível, pelo fato de admitir fracionamento. Ademais, permitirá, por exemplo, investir em peças de arte sem ter dinheiro para comprar a obra inteira.

5.

Inteligência artificial - avanço tecnológico possibilitando que sistemas simulem inteligência similar à humana, indo além da programação de ordens específicas, para tomar decisões de forma autônoma, baseadas em padrões de enormes bancos de dados. Esta técnica avança rapidamente, com aprendizado de máquina (machine learning), estando já presente em vários setores, com ênfase ao mundo financeiro. O objetivo ao usá-la, é melhorar a eficiência, precisão e segurança dos processos, visto que analisa e denota padrões em grandes volumes de dados possibilitando melhores previsões sobre o mercado, decisões automatizadas e identificação de possíveis fraudes. Exemplos relevantes são a biometria facial e o chatbot. Este é um software capaz de manter uma conversa em tempo real por texto ou voz, além do atendimento ao cliente, 24h por dia, 7 dias por semana.

6.

Moeda social - à margem do sistema financeiro, trata-se de moeda alternativa à oficial, criada por municipalidades e de uso restrito a certo contingente da população local, isto é, aos mais vulneráveis. A finalidade abrange transações econômicas com um determinado fim, ou seja, fomentar a produção e o consumo, gerando empregos e riqueza na comunidade. Existindo há mais de 20 anos no Brasil, só começaram a ganhar força recentemente, e hoje são mais de 150 circulando simultaneamente com o Real em diversos municípios brasileiros. Apesar de lastreadas em reais, não são emitidas pela Casa da Moeda, mas pelos Bancos Comunitários de Desenvolvimento (BCD), estabelecimentos que também oferecem empréstimos na mesma moeda aos moradores dessas localidades que não têm acesso aos serviços prestados pelos bancos tradicionais. Os comerciantes recebem do poder público municipal o valor em reais das transações que levaram a cabo na moeda social.

Concluindo, é possível afirmar que esses avanços tecnológicos, ao lado de outras medidas, acarretam consequências diversas. Socialmente tem havido aumento relativo da bancarização pois nota-se o comércio de rua, barraqueiros, instituições religiosas e até pedintes tendo aderido ao PIX. No comércio regular, antigas formas de crediário, como vendas com carnês, desapareceram.

Quanto à área financeira, os investimentos elevados processados foram compensados significativamente pela diminuição das estruturas – fechamento e/ou diminuição de espaço físico das dependências, redução do quadro de pessoal, queda de custos administrativos e assim por diante; e tudo, certamente, compensado pela venda de produtos e prestação de serviços. Neste quadro, inserem-se as cooperativas de crédito que, pelo atendimento personalizado, vêm ganhando espaço.

Por último, mas não menos relevante, tem-se a moeda social, bem ou mal, chegando com princípios de finanças aos segmentos vulneráveis da população brasileira.



“

A finalidade abrange transações econômicas com um determinado fim, ou seja, fomentar a produção e o consumo, e, assim, gerando empregos e riqueza na comunidade. Existindo há mais de 20 anos no Brasil, só começaram a ganhar força recentemente, e hoje são mais de 150 circulando simultaneamente com o Real em diversos municípios brasileiros.”



O Banco Palmas destaca-se como um dos primeiros a liderar a iniciativa de estruturação de moedas sociais  
Foto: Divulgação/Banco Palmas